PERCEPÇÃO SOBRE MEDIDAS PROFILÁTICAS MEDICAMENTOSAS PARA HIV/AIDS ENTRE ESCOLARES DE BELÉM, PARÁ

# Gleice Carla Silva de Castro

# Graduanda em ciências naturais – biologia. Universidade do Estado do Pará - UEPA [gcarlascastro@gmail.com](mailto:gcarlascastro@gmail.com)

Letícia Siqueira Moura

Graduanda em ciências naturais – biologia. Universidade do Estado do Pará - UEPA

Yuri Cavaleiro de Macêdo Coelho

Mestre em ciências ambientais. Universidade do Estado do Pará - UEPA

Miguel Brandão Santos

Graduando em ciências naturais- biologia. Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Sinaida Maria Vasconcelos

Doutora em educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ)

**Introdução**: De acordo com o boletim epidemiológico de 2017 (BRASIL, 2017), foram notificados 194.917 casos de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) no Brasil, principalmente em jovens, grupo de extrema vulnerabilidade. Como estratégia para minimizar este quadro, laboratórios ao redor do mundo estão avançando nos estudos em busca da cura da síndrome ou de fármacos que inibem a ação do vírus no organismo. Todavia, muitas pessoas desconhecem a existência destes recursos e acabam por contrair o vírus pela falta de informação e aconselhamento especializado. Atualmente, há profilaxia medicamentosas como o PReP (Profilaxia Pré-Exposição) e o PeP (Profilaxia Pós-Exposição) que previnem a contaminação pelo HIV antes ou depois da exposição ao patógeno, respectivamente. O PReP trata-se da ingestão do medicamento Truvada (emtricitabina/tenofovir) por pacientes soro negativo, atuando no mecanismo de replicação do HIV-1, isto é, inibindo o processo de transcriptase reversa. Este recurso é disponibilizado em postos de controle as ISTs, como no caso do CTA (Centro de Testagem e Aconselhamento) e do Casa Dia que integram os serviços especializados em saúde em Belém. Deve-se ressaltar que este método é destinado, no serviço público, apenas a pessoas do grupo considerado de risco, como prostitutas e parceiros de pacientes infectados. No entanto, caso uma pessoa seja exposta ao vírus durante comportamentos sexuais de risco, foram desenvolvidos recursos para que a infecção não ocorra. O HIV se consolida sua contaminação quando o vírus encontra as células T CD4+, do sistema imunológico, e inicia seu mecanismo de replicação e proliferação. O PeP (Profilaxia Pós-Exposição) atua evitando a sobrevivência e a multiplicação do vírus, quais sejam: violência sexual, relação sexual desprotegida ou acidentes ocupacionais. O PeP é um conjunto de medicamentos antirretrovirais que deve começar a ser administrado em até, no máximo, 72 horas após a exposição (OTTEN et al., 2000), durante 28 dias. Após isso, o paciente deverá realizar testagens regulares para comprovar a eficácia da profilaxia.Estudos realizados confirmaram que o uso adequado do PEP é capaz de reduzir o risco de soro conversão após exposições sexuais potencialmente infectantes (SCHECHTER, 2004). É importante enfatizar, sobretudo, que o uso destes medicamentos não substitui outros métodos de prevenção para as demais ISTs. **Objetivo:** Investigar o conhecimento de jovens do ensino básico a respeito das medidas profiláticas medicamentosas para infecção por HIV/AIDS, PrEP e PEP. **Metodologia:** Este estudo utilizou uma abordagem quali-quantitativa. Os participantes foram 122 alunos concluintes do ensino básico de duas escolas de rede particular localizadas em um bairro de classe média alta de Belém, Pará. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário estruturado, com questões abertas e fechadas. Este instrumento de coleta de dados continha perguntas para investigar: (1) principais dúvidas sobre HIV/AIDS; (2) conhecimentos sobre os métodos de prevenção para o HIV/AIDS; e (3) as etapas da educação básica em que os professores abordaram a temática. Alunos maiores de 18 anos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, conforme a resolução 466/2012, concordando em participar de forma voluntária e anônima da pesquisa. Aos menores de idade, encaminhou-se um TCLE aos pais para que os autorizassem a participar da pesquisa. **Resultados e Discussão:** Segundo dados de pesquisas da UNAIDS (2016), 35% das novas infecções por HIV em adultos em 2016 ocorreram entre jovens de 15 a 24 anos, o que justifica a escolha desse público para coleta de dados. Quanto as principais dúvidas sobre HIV/AIDS, a maioria (19,6%) dos alunos relatou interesse em conhecer os avanços científicos para cura da AIDS; bem como as formas de contaminação, tratamento e prevenção da infecção por HIV. A formulação de novos ARVs representam os esforços mais significativos no combate ao vírus e tem mudado progressivamente o perfil de mortalidade da infecção no Brasil. Estes medicamentos objetivam reduzir a ação de patógenos oportunistas no soro positivo, além de permitir um aumento significativo da sobrevida dos indivíduos portadores do HIV. O modo de contaminação mais comum se dá a partir das relações sexuais sem o uso de métodos contraceptivos, bem como o compartilhamento de seringas e objetos perfurocortantes. Quando perguntados sobre os métodos que se apresentariam como os mais eficazes para prevenir a infecção, 82,14% dos alunos citaram que a camisinha seria o mais eficaz. Todavia, menos da metade da população (45%) entre 15 e 64 anos afirmou não ter usado camisinha em todas as relações sexuais casuais durante um ano (BRASIL, 2013). Manter relações sexuais com um único parceiro também foi apontado por 15,2% dos alunos como um método de prevenção significativa. No entanto, os métodos citados não são as únicas formas de prevenção à infecção pelo HIV, o que demonstra o desconhecimento por parte da população jovem de outras medidas que auxiliam na profilaxia da infecção. A maioria dos interlocutores (94,7%) afirmou que nunca ouviu falar em PReP e PeP. Os 5,3% que manifestaram conhecimento disseram que se tratava de: (1) medicamentos que teriam por finalidade a prevenção de ISTs em geral por meio da vacina; (2) orientações médicas para a realização de exames rotineiros e uso de preservativos; ou (3) um coquetel de medicamentos que seriam ingeridos a fim de prevenir a ação do vírus. Expressivo percentual de interlocutores (70,5%) afirmou ter tido discussões em sala de aula a respeito do HIV. Apesar disso, observou-se que os alunos ainda possuem dúvidas básicas a respeito do tema e, além disso, construíram durante sua formação noções equivocadas sobre tratamento, prevenção e formas de contágio. Isso ressalta as fragilidades da educação em saúde e os tabus e entraves que permeiam a orientação sexual no contexto escolar. Dúvidas como “*a contaminação só pode ser evitada com o uso de camisinha?*” ou ainda “*mulheres soro positivas podem ter filhos sem HIV?*”, nos permite visualizar essa carência de aconselhamento. **Conclusões**: Esta pesquisa apontou que existe um déficit informacional sobre a finalidade desses medicamentos. O PReP e o PeP devem ser trabalhados pelos professores em sala de aula, a partir de discussões e debates, a fim de orientar práticas que conduzem a segurança do comportamento sexual de seu público. Conhecer esses métodos pode diminuir significativamente o número de infecção, uma vez que os jovens saberiam proceder para evitar a contaminação antes mesmo de se expor ao patógeno, num mecanismo similar a vacinação. É necessário que as escolas e as políticas públicas de promoção a saúde se atentem para as necessidades mais emergenciais da população, disponibilizando, além dos medicamentos, informações a respeito da existência e eficácia destes. Aconselhar e informar a população evita que representações e práticas distorcidas sejam propagadas.

**Palavras-chave**: profilaxia pré-exposição, profilaxia pós-exposição e vírus da imunodeficiência humana.

**Referências**

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Boletim epidemiológico Aids e DST**. 2017.

BRASIL. **Uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza.** 2013.

OTTEN, R. A.; SMITH, D. K.; ADAMS, D. R. Efficacy of postexposure prophylaxis after intravaginal exposure of pig-tailed macaques to a human-derived retrovirus (human immunodeficiency virus type 2). Journal of virology, v. 74, n. 20, p. 9771-5, 2000.

SCHECHTER, M. et al. Behavioral impact, acceptability, and HIV incidence among homosexual men with access to postexposure chemoprophylaxis for HIV. J Acquir Immune Defic Syndr, 2004.

UNAIDS. Programa Conjunto das Nações Unidas Sobre HIV/AIDS. **Estatísticas Globais sobre HIV**. 2017.